

“Eu sempre acreditei que a verdade seria descoberta”, diz David Shephard.

**Uma injustiça o colocou
12 anos atrás das grades.
Ele não pode recuperar o
tempo perdido, mas está
determinado a tentar.**

PRESO por ENGANO

POR GRAHAM BUCK

A EUFORIA INVADIU David Shephard no instante em que ele pisou do lado de fora da prisão, e não o deixou por várias horas, até ele estar de volta à segurança da casa da mãe e desmaiar de exaustão. Depois de tantos anos na cadeia, porém, David havia mudado – assim como o seu mundo. Em alguns dias, a sensação de liberdade se foi, dando lugar a uma paranóia que o perseguia o dia inteiro, todos os dias. Durante semanas não conseguiu sair de casa. Quando enfim se aventurou, tomou o cuidado de

guardar a passagem do ônibus para o caso de precisar provar onde esteve. “Eu queria retomar a minha vida”, conta David, “mas tinha medo de que tudo acontecesse novamente.”

A paranóia de David é compreensível. Condenado por engano pelo estupro de uma mulher de 19 anos, ele passou 12 atrás das grades até um moderno exame de DNA provar sua inocência. Depois de tudo que passou – preso no trabalho, arrancado do convívio da futura mulher e do filho recém-nascido, aprisionado durante um terço de sua vida –, recomeçar não era tão fácil quanto sair de uma

ção tranqüila a um homem inocente que esteve preso durante anos.

“A prisão pode tornar pessoas saudáveis insanas. A maioria dos presos acha que, ao sair, poderá voltar para a vida que tinha antes”, diz Laurie Volten, cientista forense que está desenvolvendo nos Estados Unidos a primeira rede de apoio a pessoas condenadas injustamente. “Elas saem de mãos vazias. Se tiverem sorte, conseguirão uma passagem de ônibus e uma manchete de jornal.”

DAVID SHEPHARD nunca chegou a ter uma boa chance. Seu pai foi embora

Depois de tudo, recomeçar não era tão simples quanto sair de uma cela.

cela. Nove anos após ser solto, David, agora com 41 anos, ainda tenta se livrar da idéia de que, se aconteceu uma vez, pode acontecer de novo.

Até o ano passado, 143 presidiários nos Estados Unidos tiveram suas penas revogadas mediante a prova de DNA, inclusive 13 que se encontravam no corredor da morte. Embora tenham exposto as deficiências do sistema judicial americano, esses casos também tornam evidente uma dolorosa realidade: nada pode compensar o tempo perdido. Não há valor em dinheiro, treinamento ou orientação na procura de emprego que possa garantir uma readapta-

quando ele nasceu e, para sustentar os três filhos, a mãe trabalhava em dois turnos como telefonista de operadoras de celulares. Quando estava cursando o ensino médio, David teve de largar a escola para cuidar da irmã mais nova, Nataly. Ele era um bom aluno, freqüentando aulas adiantadas, mas aceitou a situação com calma. “Eu tentava aproveitar ao máximo meu tempo livre”, afirma. “Eu nunca ficava parado.” E se ofereceu como voluntário para um programa de ação comunitária, onde conheceu a mulher, Erica Calloway, uma voluntária. Ela não demorou a se apaixonar por ele. “David era diferente dos outros”,

conta ela. “Era sedutor e carismático.”

Pouco depois de os dois começarem a namorar, David conseguiu um emprego na tripulação de rampa do Aeroporto Internacional de Newark. Em 1983, aos 20 anos, passou a chefiar o turno da madrugada, e Erica tinha dado à luz seu filho, LeMarr. O casal fazia planos para comprar uma casa. “Estávamos construindo um futuro”, afirma Erica.

Certa manhã, no fim de dezembro, David encerrou seu turno e se dirigiu para o carro. Dois detetives de Hillside, New Jersey, pararam-no. Queriam conversar sobre um veículo roubado. Ele os acompanhou até a delegacia – a primeira em que entrara na vida –, onde os policiais começaram a pressioná-lo para confessar não apenas o roubo do carro, mas também uma agressão sexual. Eles lhe disseram que uma jovem branca havia sido seqüestrada na noite de Natal por dois homens negros no lado de fora do *shopping* Woodbridge, ao sul do aeroporto. Eles a forçaram a entrar no carro e seguiram para uma área deserta, onde a surraram e estupraram antes de abandoná-la à beira da estrada.

David recorda que ficou impassível diante das alegações. “Eu dizia a eles: ‘Não sei do que vocês estão fa-

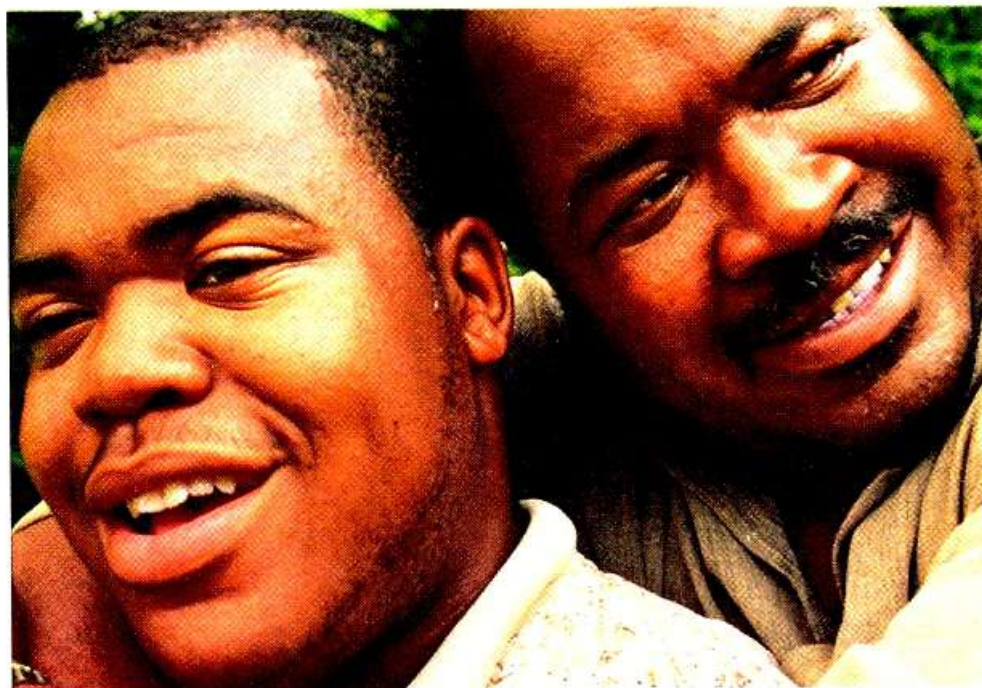


Quando o Estado de New Jersey adotou a lei de compensação do condenado por engano, Shephard (com o deputado Anthony Impreveduto) chorou.

lando.’ Estava pensando no que ia fazer quando chegasse em casa. Íamos ver uma casa, comprar um carro. Era isso que estava na minha cabeça.”

Quando os detetives começaram a interrogá-lo sobre seu paradeiro na noite de Natal, David hesitou, apenas por um momento. Primeiro disse que havia saído com Erica. Depois lembrou-se de que havia tomado conta de Nataly. “Eles devem ter repetido tudo umas três vezes”, conta David. “Fui interrogado por quase seis horas. Nada fazia sentido no fim.” Mesmo assim, ele não estava preocupado. “Nunca pensei que acabaria sendo acusado ou condenado por isso.”

Mas a polícia havia reunido provas suficientes para relacionar David ao crime. A vítima recordava que um dos homens que a agrediram chamava o outro de David. E, sem David saber, a polícia a levou ao seu



LeMarr Shephard tinha apenas 4 meses de idade quando o pai foi para a prisão. Recentemente os dois passaram a tarde juntos num parque perto de casa, em Newark.

local de trabalho e ela o identificou como um dos agressores.

Depois de emitirem um mandado de prisão acusando-o de agressão sexual, seqüestro e roubo qualificados, os policiais deixaram David telefonar para a mãe e para Erica, para lhes dizer o que havia acontecido. Em seguida, confinaram-no em uma cela.

Várias semanas depois, um exame do sêmen encontrado no carro da vítima correspondeu ao tipo sanguíneo de David, que era comum. No julgamento, em 1984, David e sua mãe testemunharam, oferecendo um álibi e alegando injustiça. Mas, depois que a vítima identificou David como seu agressor, tanto o defensor público quanto o juiz o aconselharam a confessar-se culpado em troca de uma redução da pena, o que David recusou. “Sempre achei que iria para casa”, diz ele. “Acreditava no sistema.”

Quando a sentença foi lida e o juiz anunciou uma pena de 30 anos, o mundo de David desabou.

NO AMBIENTE tenso e agressivo da prisão, o ânimo de David logo se abateu. Como os estupradores ocupam um nível inferior na hierarquia penal, ele foi um alvo desde o primeiro dia: uma gangue o atacou com halteres no ginásio

de esportes; um detento o cortou com uma lâmina de barbear; outro sempre roubava-lhe a comida e os cigarros.

Quando um preso veterano puxou David num canto e lhe avisou que, se não começasse a se defender, morreria, uma luz se acendeu. Na investida seguinte do ladrão, David pegou uma bandeja de metal e o atingiu na cabeça. “Não se engane”, afirma ele, que tem um físico de segurança de boate, “a cadeia muda você. Quem não se impõe está perdido.”

Ele procurava entender sua condenação e deu entrada em diversas apelações, mas desistiu de ter esperanças de clemência. “Você não circula pela cadeia se dizendo inocente, pois assim vai realmente se machucar.” Em vez disso, David começou a moldar sua existência dentro da penitenciária. Terminou o ensino mé-

dio, organizou uma loteria esportiva e começou a trabalhar na lavanderia.

Enquanto isso, sua ligação com o mundo externo enfraquecia. Durante meses, David proibiu a mãe e a irmã de visitá-lo. Disse a Erica que seguisse com sua vida, e ela relutantemente começou a namorar outros homens. Ele acompanhou o crescimento de LeMarr no decorrer de uma centena de visitas infrutíferas aos sábados. “Nunca chegamos a nos conhecer”, diz LeMarr, 20 anos.

Um dia, trabalhando na biblioteca da penitenciária, David deparou

drões distintos de DNA, confirmando que havia dois agressores. Entretanto, com praticamente 100% de certeza, também mostraram que não eram compatíveis com o DNA de David. Em 28 de abril de 1995, os promotores decidiram retirar todas as acusações contra ele. David estava livre.

DAVID VOLTOU para a casa da mãe, mas logo reuniu-se a Erica, que afirma jamais ter duvidado de sua inocência. Ele conseguiu um emprego de zelador na prefeitura de Newark, ganhando a metade do salário que ti-

A princípio ele tentou, com afincó, recuperar o tempo que perdera na prisão.

com o caso de Gary Dotson, um homem de Illinois condenado por estupro. Em 1989, Dotson tornou-se o primeiro presidiário dos Estados Unidos a usar o exame de DNA para provar sua inocência. David passou horas tentando entender os dados técnicos e jurídicos do caso e, em 1992, quando os tribunais de New Jersey passaram a aceitar a prova de DNA em apelações, ele entrou com uma petição solicitando o exame de DNA da prova biológica da cena do crime, ainda em poder da polícia.

Três anos depois, sua petição foi aceita e o exame, realizado. Os resultados foram incontestáveis. As amostras de sêmen revelaram dois pa-

nha no aeroporto. Com dinheiro no bolso, tentava com afincó e pressa recuperar o tempo perdido na prisão. A princípio, os desejos eram inocentes: refrigerantes, tortas. Mas eles se tornaram mais desesperados e destrutivos à medida que David gastava dinheiro com bebida e roupas. Ele começou a chegar em casa tarde e a faltar ao trabalho. “Sentia-me com 19 anos novamente”, conta. “Eu queria que alguém tivesse me segurado e me mandado relaxar.”

“O que você queria de alguém que perdeu dez anos de sua vida?”, pergunta Peter Neufeld, co-fundador do Projeto Inocência, uma clínica de direito de Nova York que representa

prisioneiros que reclamam de condenações errôneas. “Seus amigos começaram suas carreiras e famílias. David ficou para trás. É impossível simplesmente voltar para o jogo.”

Por meio de um amigo em comum, David conheceu o advogado Louis H. Miron, de New Jersey, que se interessava por casos de erros judiciários. Os dois começaram a fazer palestras em escolas sobre o sistema de justiça criminal e a experiência de David, e a participar de programas de rádio.

Em 1996, porém, o sistema mais uma vez virou-se contra ele. O Estado tentou recuperar os 16 mil dólares da ajuda de custo paga a Erica para cuidar de LeMarr durante a prisão de David, alegando que, quando os detentos voltam a trabalhar, eles são responsáveis pelo sustento dos filhos que não pagaram enquanto estavam presos. “Eles não se contentavam em roubar 12 anos da minha vida”, afirma David. “Queriam mais.” Novamente, David se viu no tribunal, quando Miron argumentou contra a punição de seu cliente, uma vez que ele havia sido preso injustamente.

A partir daí, a pergunta lógica era: quem deveria pagar, e como, pelos erros que custaram a David Shephard tanto tempo perdido? David e seu advogado exploraram a possibilidade de abrir um processo civil. No entanto, como ninguém havia agido de má-fé e como o exame de DNA não estava disponível na época do julgamento de David, não houve negligência. “Nada poderia ter sido feito de modo diferente”, afirma David Hancock,

promotor do caso de David em 1984. “A ciência que o libertou não estava disponível na ocasião.”

O Estado de New Jersey ainda não dispunha de uma lei que oferecesse indenização às pessoas condenadas injustamente, o que estimulou David a trabalhar para criar uma. Por dois anos, ele tentou convencer deputados estaduais a permitir que pessoas presas por crimes que não cometeram recebessem uma indenização de pelo menos o dobro de seu salário anual antes da condenação para cada ano de encarceramento. Em 25 de agosto de 1997, a governadora Christine Todd Whitman assinou a lei de indenização e, em seguida, David recebeu a quantia de 240 mil dólares.

“No fim, o que David recebeu ainda não era suficiente”, diz Adele Bernhard, professora de direito da Pace University que estudou questões referentes às indenizações. “Ele provavelmente reviverá para sempre o pesadelo da prisão. Nem um milhão de dólares mudaria isso.”

O dinheiro do acordo de David logo desapareceu. Uma parte foi gasta com as despesas jurídicas e com as dívidas da mãe e da irmã, ambas falecidas alguns anos após ele ser solto. O que restou foi usado na reforma do porão da casa dos pais de Erica, onde o casal vive agora com a filha Ciara, de 8 anos, LeMarr e a filha de 10 anos de Nataly, Miechai, que eles adotaram após a morte da mãe.

Em 1997, David perdeu o emprego de zelador. A essa altura, parara de beber e desperdiçar dinheiro e tinha

esperança de encontrar um trabalho mais significativo. Mas a lacuna de 12 anos em seu currículo suscitava o questionamento dos possíveis empregadores. Por fim, ele conseguiu emprego na defensoria pública de Newark, trabalhando como consultor num centro de reabilitação. Quando a economia local passou por dificuldades há alguns anos, ele foi demitido.

Nos dois anos seguintes, David tinha pouco a fazer, a não ser pegar a filha e a sobrinha na escola todos os dias e assistir às partidas do time de futebol de LeMarr. Incomodado por uma artrite reumatóide dolorosa, que ele atribui aos longos dias de trabalho na lavanderia da prisão, passava grande parte do tempo sentado sozinho no apartamento. “Tenho consciência de que estou preso numa cela novamente”, disse ele na época. Agora entende que se encontrava muito deprimido e que devia ter procurado tratamento.

DAVID, PORÉM, já começou a derrubar as paredes invisíveis que o confinaram. Recentemente, ele e Erica participaram de uma conferência em Nova York dirigida a pessoas que conseguiram a liberdade mediante o

exame de DNA. No grupo, David, um dos que deixaram a prisão há mais tempo, viu-se no papel de conselheiro. “A única maneira de enfrentar essa situação é viver um dia de cada vez”, dizia ele a ex-presidiários distribuindo o número de seu telefone.

Cerca de duas semanas depois, David sofreu um enfarte, mas está recuperado e agora toma remédios para baixar a pressão arterial. Além disso, toma injeções nos joelhos para a artrite; pela primeira vez em anos não sente a dor latejante. Finalmente está trabalhando num posto da previdência social, onde ajuda a avaliar famílias que solicitam assistência financeira do governo. “Ele agora tem uma motivação e por isso se sente melhor”, diz Erica. “David esteve acorrentado, mas ainda tem orgulho.”

E tem sonhos que não são simples fantasias. Quando se aposentar, pensa em se mudar com a família para a Flórida ou a Califórnia – um lugar que seja perto do mar e mais quente. Também gostaria de voltar a trabalhar como conselheiro ou talvez técnico de futebol escolar. “Eu chego lá”, garante. “Pode demorar, mas eu chego lá. Ainda tenho o resto da minha vida para viver.”

SE PARECE, É

Um dia, usei um par de brincos em forma de pés no jardim-de-infância onde sou auxiliar de professora. Enquanto brincava com um menino, ele estendeu o braço e mexeu no meu brinco. Perguntei o que estava fazendo. Olhando para mim, ele respondeu:

– Cosquinhas no seu pé.



DARCY BROWN, Canadá